

CRÔNICA DE UM HOSPITAL GERAL II

Decio Tenenbaum

O LEITO NÚMERO 5

"Agora por teu prol, eu tenho o intento

De levar-te; ir-te-ei guiando

Pela estancia do eterno sofrimento..."

(Dante Alighieri, "A Divina Comedia")

À Wanda, meu Virgílio.

Ao se trabalhar em um hospital geral ouve-se coisas engraçadas. São estórias de "injeção da meia-noite", "o leito da morte", "colocam remédio na água/suco/bebedouro" (esta é específica de hospital psiquiátrico), etc. Desde meus tempos de estudante escuto essas estórias e me surpreendo. De onde vêm? Como surgem? O que significam? Com meu olhar médico-científico de estudante arrogante-ignorante pensava, na época: são coisas irracionais (coisas?) de pessoas leigas; fruto da imaginação fértil, medo da morte e do desconhecido... Eram tentativas, hoje eu sei, de explicar e, ao mesmo tempo, afastar a questão incomoda.

Enquanto a irracionalidade estava com os pacientes (com os outros), tudo bem. O difícil e impactante foi ver uma equipe médica com esses pensamentos e ter que trabalhar os efeitos iatrogênico deles.

Para essa equipe, todo paciente que ocupava o leito de número 5 de uma determinada enfermaria acabava complicando, não organicamente, como no caso do "leito da morte", mas emocionalmente. Tornavam-se querelantes, agressivos, difíceis, etc. Sem dúvida nenhuma estamos diante de uma variação do diagnóstico de

"Esmeraldite" que é dado às complicações que "sempre acontecem" quando um médico (ou parente de) precisa internar-se, isto é, adocece, por qualquer motivo (como sabem, o "diagnóstico" provém da junção do sufixo grego "ite" à pedra-símbolo da profissão médica).

Ao começar a pensar no assunto, meus pensamentos se dirigiram à seguinte indagação: para que existem cemitérios? Por que são sempre mal assombrados se lá estão nossos entes queridos? Será que é para os mortos terem um lugar? O lugar dos mortos... o "leito da morte", o leito dos problemas emocionais... de qual lugar estamos falando? E o lugar das emoções? Do irracional? Das profundezas humanas?... Sem dúvida alguma, nós humanos precisamos desses lugares como sendo bem localizados e bem demarcados.

Provavelmente por estar tentando pensar o que seria (para mim, só?) impensável, fez-se aí um branco em minha mente. E daí? E agora?... É, não é a toa que estamos sempre criando "leitos nº 5" em nossas vidas, em nossas relações, em nosso trabalho/enfermaria.

Pensando em como é difícil visitar esses lugares, assim como visitar/atender certos "doentes-leito nº

5" (algo como visitar cemitério à noite), lembrei-me de Freud e de Dante com seu (e do meu) Virgílio, pois neste árduo caminho é imprescindível um acompanhante deste tipo. O que será que Freud queria nos dizer com a noção de Inconsciente? Será que estava indicando o lugar dessas coisas? (coisas, novamente!).

Divagando sobre a necessidade humana de existir o "leito número 5", supus ser este um lugar fora do indivíduo (um não dividido!?). Afinal de contas, como nos diz Sartre em "Huis Clos", "o inferno... são os outros".

Mas que absurdo, refleti. Existir algo do indivíduo fora dele! (Verwerfung). Mas, se não está fora, onde estará, já que isso - o rejeitado - não existe para o indivíduo? Além disso, geralmente este isso vem de fora e chega para atrapalhar a vida do sujeito. Ainda: se não está fora, o que significam essas estórias?

É tão difícil pensar essas coisas... É melhor mantê-las longe. E que perigo encontrá-las! (Lembram como é, no início, encontrarmos os nossos analistas no convívio societário? Lembra alguma coisa de visitar cemitério à noite?).

Mas que diabo de pacientes chatos e irritantes esses que complicam a vida da gente com esse tipo de coisa (angústia, sofrimento, dor psíquica). Ainda bem que só acontece com aqueles que caem no leito nº 5!